

As árvores e nós

“Todos os dias quando saio às ruas por onde ando, presto atenção em algo que cada vez me comove mais: o triste estado em que se encontram nossas árvores. De uns anos para cá, a prática da poda, que no passado funcionários da Prefeitura costumavam exercer durante o inverno, aparando com algum critério galhos desfolhados, acabou se transformando em brutal mutilação. O que se vê atualmente não são mais árvores podadas, mas aleijões, estruturas desfiguradas, agredidas, violentadas, que não poderão jamais retomar a plena forma perdida depois do impiedoso corte.

Essa agressão às árvores, que nem chega a ser reconhecida como tal, tem como justificativa alegada pelos órgãos públicos o perigo apresentado à fiação elétrica. Há cidades onde o problema foi contornado preservando-se as árvores e transferindo-se a fiação para o subsolo. Ou mesmo substituindo essa verdadeira teia de aranha elétrica que nos recobre por outro tipo de instalação aérea (já fabricada aqui e que poderia perfeitamente ser feito entre nós), em que apenas dois ou três cabos revestidos bastam para a transmissão de energia, e não seria mais preciso deformar árvores para lhes dar passagem.

O que se manifesta nesse fato, já quase corriqueiro, é o velho conflito entre natureza e tecnologia. Árvore e poste passam a ser representantes de dois mundos em choque. Só que a questão vai muito mais fundo, porque não estão em jogo apenas a beleza das ruas, a dimensão poética trazida pela vegetação, o prazer requintado da sombra, a lembrança das estações... O que está em jogo é um grave problema psíquico que afeta perigosamente a todos nós.

Desde a mais remota antiguidade, a imagem da árvore foi usada como símbolo do crescimento interior do ser humano. Quem se interessa por arte, mitologia ou história das religiões a encontrará em todas as culturas. Há entre nós e as árvores uma secreta afinidade. Somos parecidos, temos a mesma estrutura. A árvore que um dia crescerá já está contida em estado de dormência na semente. Nós também carregamos em estado germinal, no fundo do inconsciente, aquilo que podemos vir a ser. Elas nos refletem como espelhos não a aparência exterior, mas o lado desconhecido de nossa alma. O que estarão refletindo as árvores mutiladas que nos rodeiam? A mutilação interior que carregamos e que mal somos capazes de perceber. Vivemos em desacordo com a natureza em nós, com o lado indomado do nosso ser e de nossa mente. Temos medo de crescer e atingir uma forma plena e única – e por isso somos um povo subdesenvolvido, sempre abaixo do nosso potencial. Esse medo, que não se costuma reconhecer e do qual não se fala, aparece claramente em nossa ação sobre as árvores. Abortamos o crescimento que se manifesta nelas, que por simbolizar o nosso não realizado, nos provoca ira. Quem tiver olhos para ver, que veja. As árvores sofridas que nos rodeiam denunciam, sem disfarce a insensata brutalidade e a pobreza interior de homens que fogem de sua alma.”

Gambini, Roberto. As árvores e nós. Posfácio. *In*: Miguel Milano e Eduardo Dalcin *et alli*. Arborização de vias públicas. Rio de Janeiro: Light, 2000, p. V-VII.